

Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

Samira Padilha Xavier

**Uma caminhada pessoal e profissional: vivências,
reflexões e desafios**

MATINHOS-PR

2016

SAMIRA PADILHA XAVIER

Minha vida com relato de histórias que vivi para chegar às escolhas que fiz, faço com perspectivas para novos desafios

Apresentação de monografia para obtenção
de título de especialista em Questão Social
na Perspectiva Interdisciplinar, sob
orientação do Prof. Dr. Valdo José Cavallet

Matinhos – Pr

2016

Universidade Federal do Paraná

Setor Litoral

TERMO DE APROVAÇÃO

SAMIRA PADILHA XAVIER

**Uma caminhada pessoal e profissional: vivências,
reflexões e desafios**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Pós Graduada em
Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar, na Universidade Federal do Paraná – pela
Banca examinadora composta pelas seguintes Autoridades

Mediador Profº Drº Valdo José Cavallet

Profª Drª Lenir Maristela Silva

Profº Ms Almir Andrade

Matinhos, novembro de 2016.

Primeiro os pés/ estou vivo/ você também: silêncio!

*silêncio: apenas as mãos/ feche (definitivamente) a boca
maneje mãos e pés*

assim/ devagar/ lentamente

depois tente a cabeça/ e o corpo todo lentamente

não caia em tentação/ não fale:primeiro os pés depois as mãos

o corpo/ todo/ lentamente/ e aos poucos

novamente/ e não se canse/ - não fale -/ os pés primeiro

assim: aos poucos/ lentamente/ (não fale)/ os pés primeiro

e neste curso/ nesta reeducação/ quem sabe?/ a sabedoria

não fale! / os pés primeiro.

(Pedro Garcia 1993)

Resumo

É com bom olhar que faço a viagem do passado de minha vida e retorno a coisas que vivi, coisas boas e ruins, alegrias e sofrimentos que me fizeram mais forte e que muito me ajudaram a fazer minhas escolhas até aqui e que tenho certeza, não acabaram. Como disse Viviane Mosé em um vídeo eu também “agradeço a cada um dos meus sofrimentos, não abriria mão de um dos meus sofrimentos, e se a vida está muita calma eu procuro logo um abismo para me jogar”. Eu acredito também que os olhos veem depois que o pranto lavou, li isso certa vez e me acompanha até hoje pelo fato de que consigo fazer escolhas depois de muito lutar comigo mesma, chorar e na solidão do meu silêncio pedir para que Deus me conduza para aquilo que seja melhor para mim e para as pessoas que estão a minha volta. A história que conto a seguir é a minha saga depois de muitos prantos lavados, depois de muitos abismos que me atirei para tentar viver TUDO o que tinha para viver com a máxima intensidade que podia viver cada acontecimento.

Abstract

It is with good look I do the trip last of my life and return to things that I experienced, good and bad, joys and sorrows that have made stronger and that much helped me to make my choices here and I'm sure not over. As said Viviane Mosé in a video I also "I thank each of my sufferings, I would not give up one of my sufferings, and life is very calm I just try to play me an abyss." I also believe that the eyes see after the tears washed, read it once and with me today because I can make choices after a long fight with myself, cry and solitude of my silence ask for God to lead me to what is best for me and for the people who are around me. The story I tell below is my saga after many tears washed after many chasms that threw me to try to live ALL that had to live with maximum intensity that could live each event.

Objetivo geral

Permitir a aprendizagem por meio de momentos importantes na vida pessoal para percepção do encontro próprio dos anseios pessoal e profissional.

Objetivo específico

Tornar visível, por meio de relato escrito, as lembranças da história pessoal, com início da busca da minha humanidade na relação com o outro em espaços coletivos, onde me encontro e, para onde quero ir e chegar.

Para início de história

Costumo dizer que sou paulista e são-paulinha de nascença, “pé vermeia”, que são, carinhosamente chamadas, as pessoas que nascem do Norte do Paraná e, de coração e caçara por opção. Nascida em São Paulo, quando meus pais foram de Londrina - PR rumo a cidade grande, sou a segunda filha de dois irmãos e uma irmã. Com cinco anos de idade voltamos para Londrina onde meu último irmão veio a nascer.

O início da minha vida escolar foi em Londrina, no Colégio Estadual “Hugo Simas” no centro da cidade. Lembro-me do primeiro dia de aula onde vários pais e mães estavam com seus filhos e filhas no colo. Meu pai me deixou na sala de aula, me acenou com um tchau na porta e foi embora. Eu olhei para o lado e vi uma pessoa adulta com uma criança no colo, ambos sentados. Me veio uma vontade grande de chorar, meus olhos se encheram e eu não entendia o porquê do meu corpo, os meus olhos, estarem fazendo aquilo. Antes que elas rolassem, pisquei bastante e não as deixei cair. Logo a professora entrou na sala e aquele monte de recados, proibições e permissões fizeram com que minha cabeça fosse para outro lugar, o que era incrível para mim pois, todas as vezes que a professora começava a falar, várias imagens vinham para minha cabeça e eu viajava para outros mundos. Ia até minha boneca Xuquinha, que havia ficado no meu quarto, e a casinha que eu montava e desmontava todas as vezes de brincar, feita com retalhos de tecidos. Ia até a ideia de comer uma fatia de pão ao chegar em casa, ou elaborava mais uma ida a igreja no domingo de manhã para ver, no momento que todos levantavam para a fila da comunhão, alguém que eu amava e que meu coração ansiava para ver, mas não via, sem muita importância também, porque voltaria no outro domingo para tentar ver esse tal, por quem meu coração vinha até a boca e, era acordada daquele sonho acordado pelo sinal de recreio ou, pela voz da professora dizendo: entenderam? Agora façam.



foto 1 (1982). Eu, da direita para esquerda com 6 anos,
meu irmão mais velho Marcos com 7anos, segurando meu irmãozinho com 8 meses Marcius e
minha irmã mais nova Soraya com 5 anos em Londrina.

Lembro-me de sempre fazer as tarefas que eram enviadas para casa sem que minha mãe precisasse dizer que eu fosse estudar. Tentava sempre fazer algo diferente, no caderno, para impressionar a professora como desenhos no cantinho de cada página e, cada desenho era de minha própria autoria, mas sem muito sucesso. Acho que aquele caderno barato, com folhas amareladas e textura de jornal, não tornava o conjunto da obra muito bom, mas o caderno da garota do lado era sempre elogiado por seu capricho de figurinhas coladas, folhas bem brancas com linhas azuis, aliás ela, a garota ao lado, era toda um capricho com enfeites no cabelo liso e loiro, um pouco abaixo dos ombros. Eu, meio gordinha com aquele cabelo meio ruivo era meio desengonçada. Achava-a bonita. Tentava copiar a postura da sua mão com o lápis e, às vezes o jeito de sentar. Acho que ela via os meus olhares e agia com

desdém. Os dois primeiros anos na escola foram bem difíceis de fazer amigos mais pelo fato de eu não saber conversar.

Meus pais sempre diziam para não falar: na mesa, muito menos de boca cheia, na hora de ver a TV para não perder a informação ou o capítulo. Não falar era uma regra, nós só obedecíamos mesmo porque se isso não fosse feito, era chinelada para tudo quanto era lado. Os dois primeiros anos da escola essa questão de não falar foi reforçada pelas professoras, mas minha cabeça era uma “falaria” sem fim, principalmente diante daquele mundo todo de novidades. Tinha uma ou outra amiga para me emprestar a borracha e, às vezes, me passar a resposta do problema de matemática na prova, já que não sabia e não poderia falar sobre minha dificuldade. Então, continuava sem conversar, sem dizer minhas dúvidas e aguardava o momento de recreio que era o que de mais interessante acontecia na escola e que eu acompanhava uma amiga que ia até a cantina comprar algo.

O momento do recreio era para mim um momento de grande festa, não pelo fato do meu lanche, que era sempre o mesmo: uma fatia de pão caseiro, feito por minha mãe, com o guardanapo grudado na manteiga (passada por mim) em cima daquela fatia. Eu gostava daquele lanche, mas o que eu achava extraordinário era o movimento das crianças em direção à cantina da escola onde iam comprar guloseimas que pareciam deliciosas.

As crianças se aglomeravam na frente da cantina, que tinha um balcão alto e poucas crianças conseguiam se fazer enxergar por aquelas pessoas que estavam do lado de dentro para receber o dinheiro e entregar a tal guloseima. Eu achava engraçado todas aquelas crianças, de costas para mim, com uma das mãos levantadas com o dinheiro e todas gritando ao mesmo tempo o nome da guloseima escolhida. Eu não me atrevia ir até lá, mesmo porque não tinha dinheiro e porque acreditava que o sinal de fim de recreio soaria a qualquer momento sem que eu conseguisse ingerir pela minha guela abaixo o meu próprio lanche. Só dois anos depois do início da minha vida escolar é que fui me alimentar por algo que a escola havia feito e que era dado e não vendido.

Na cidade de Maringá - PR dei continuidade aos três anos seguintes da minha vida escolar e foram os anos mais felizes na escola. Escola Estadual “Profª Maria Leite”, uma escola próxima de casa. Não precisava mais pegar

ônibus e sempre encontrava os amigos e amigas no caminho para a escola.

Havia muitas atividades de gincanas com competição acirrada entre as séries da manhã e da tarde, desta última, que eu fazia parte. Havia competições de matemática, gincanas culturais, competições de declamação de poesia, que a Joelma sempre ganhava porque era muito boa em suas interpretações, de um linguajar caipirês, no que levava sempre o primeiro lugar. Era muito engraçado vê-la imitar uma caipirinha com tanto gosto e simpatia. Anos depois descobri esse poema que me fez lembrar destes dias de declamações feita pela Joelma:

Pru quê?/Pru quê tu chora, pru quê?/ Pru quê
 teu peito saluça/e o coração se adebrucha/nos abismo
 do sofrê?/Tu pode me arrespondê?/Pru quê tua arma
 suzinha/pelas estrada caminhasem aligria mais tê?

Pru quê teus óio num vê/e o coração não escuita/no
 sacrificio da luita/este cunvite a vivê?/Eu te prugunto,
 pru quê?/pru quê teus pé já sangrando/
 cuntinua caminhando/pela estrada do sofrê?

Pru quê tua boca só fala/das coisa triste da vida/que
 muita veiz esquecida/dentro do peito se cala?/quando o
 amô perfume exala/pru quê tu mata a simente/
 dessa aligria inucente/que no seu sonho se embala?

Pru quê que teu coração/é cumo um baú trancado/
 e dento dele guardado/só desespero e afrição/Pru
 quênum faiz meu irmão/uma limpeza la
 dentro/varrendocô pensamento/os ispim da mardição?

Pru quê tu véve agarrado/nas asa desse caixão/
 que carrega a assombração/desse difunto,o
 passado?/Se tu já véve cansado/interra todo o
 trumento/na cova do isquicimento/pra nunca mais sê
 lembrado

Despois disso, vem mais eu.../vem ouví pelas estrada/
 o canto da passarada/que em seu peito
 emudeceu/escuita a vóz das cascata,/chêra o perfume

das mata,/óia os campo, tudo é teu...

Aprende côs passarim/que só tem vóz pra canta/
com o sor que nasce cedim/e vem teu frio esquentá/
Óia as estrela, o luar/mas antes de tu querê/
isso tudo arrecebê/aprende primeiro...a dá.

Pompilio Diniz.

Mesmo ganhando sempre continuava a mesma menina alegre, simpática, solícita e companheira com todos nós. Ela era da turma da manhã.

Esses anos foram muito felizes também porque, próximo de casa, havia um C. S. U. Centro Social Urbano que eram espalhados pelas quatro regiões da cidade e nele havia atendimento médico, cursos para a comunidade e, nataçã, tudo de graça!

Como eu adorava piscina. Como eu achava aquilo maravilhoso! Algo para rico, mas que todos e todas da comunidade podiam participar sem pagar nada, apenas deveriam manter-se com a pele sadia, pois ao menor sinal de mancha branquinha na pele, os médicos não autorizavam as aulas na piscina. Era necessário tratar com iodo que era dado de graça para que fossem tratadas as manchas na pele, coisa que eu nunca precisei fazer, mas meu irmão mais velho sim.

Eu adorava ir para a nataçã e era muito boa também. Logo sai da piscina rasa com a Professora Patrícia e fui para a piscina funda, olímpica, com a treinadora Jô. Ela só permitia que a chamássemos assim. Quando descobri seu nome, achei que ela tinha razão de querer assim. Uma baixinha, meio gordinha, do cabelo curto, um pouco encaracolados, escuros, da voz forte e muito exigente.

Logo eu comecei a estudar de manhã. Os treinos de nataçã eram a tarde toda e isso para mim era muito maravilhoso.

Eu e meu primo Aaron, que era um ano mais novo que eu, fazíamos nataçã no mesmo horário. A Jô dividia as pessoas na piscina e meninas iam com meninas na mesma raia, meninos com meninos. A gente só se encontrava

antes das aulas começarem quando brincávamos de casinha no Flamboiant do parquinho dentro do CSU. Os galhos desta árvore eram grossos e sustentavam bem os nossos pesos. Achava que era uma árvore velha por isso, e pelas várias raízes que olhava de cima, a rasgar o chão para segurá-la bem firme naquele lugar. Aquelas linhas que formavam as raízes daquele Flamboiant lembravam as mãozinhas da minha vó. Adorava pegar em suas mãos e ficar apertando com carinho suas veias saltadas da parte de cima da palma da mão, mas isso é outra história.



foto 2 Na foto eu e meu primo amado Aaron.

Eu de cara emburrada pela obrigação da foto e com muita fome.

Brincávamos de casinha, eu e meu primo, também na piscina e na sua parte mais funda onde havia um balcão para apoiar nossos pés e, por consequência todo nosso corpo. Ali ouvíamos as instruções e, na maioria das vezes as broncas da Jô que nos observava e, às vezes gritava a posição das nossas braçadas, nossos movimentos de cabeça para as respirações. Aquele banquinho se transformava em cama quando brincávamos ou, por vezes, balcão de uma cozinha imaginária. Ficávamos tempo lá embaixo segurando a

respiração e me divertia muito quando ele tentava falar comigo lá embaixo e quando ele fazia de conta de estava dirigindo um carro e saía de casa para trabalhar em pernadas de nado peito. Era ótimo o silêncio lá embaixo e o cloro que acabava com nossos maiôs acabava irritando muito nossos olhos.

Ao final da tarde de treino na piscina, tomávamos banho no vestiário e nos encontrávamos na frente a cantina do C.S.U. O pai do Aaron, meu tio, era professor ali e tinha conta naquela cantina. Depois de três horas de treino na água eu estava faminta e tudo o que eu queria era um pedaço do lanche que o Aaron retirava no nome do seu pai para que fosse pago posteriormente por ele. Aquele cheirinho de salgado assado era irresistível, mas o cheiro de pão assado feito por minha mãe, era ainda melhor.

Saía da natação rumo a minha casa, cansada, com olhos avermelhados, espirrando um pouco. Andava cerca de meia hora, uma subida íngreme, com sol ainda bem forte, mas quando chegava na esquina de casa o cheirinho do pão terminando de assar fazia o restante do caminho ser mais feliz.

Quando entrava em casa, ela era toda cheirinho bom de pão quentinho. Minha mãe cortava duas fatias e eu passava margarina, que ia derretendo, acompanhado de um copo de leite gelado com achocolatado. Era a recompensa do dia. Logo que comia ia fazer a entrega dos pães para as freguesas que também eram seduzidas por aquele cheiro. Minha mãe sustentou a nós quatro, um bom tempo, fazendo pães que eu entregava. Só vim a perceber a importância daquilo quando fiz o curso de Cozinheiro em 2014, há dois anos. Não tive como não me emocionar nos primeiros dias de aulas de panificação.

Gostava de ver minha mãe fazer os pães. Achava engraçado como a massa grudava em suas mãos e achava mágica a forma com que desaparecia de suas mãos e como a massa se transformava em algo muito, muito lisinha. Desta massa saíam seis pães em que, quatro, eram vendidos. Toda a família elogiava o pão da mãe, em especial o meu tio Lima.

Um cozinheiro de mão cheia que marcou muito fortemente toda a minha família quer seja porque era bom cozinheiro ou por ser bom de garfo e de copo. Ele fazia peixe ensopado como eu nunca havia comido, pois minha mãe não

era muito de inventar na cozinha. Era cozinheira de receita sem se arriscar muito com temperos no que meu tio Lima era muito diferente.

Eu experimentei com meu tio Lima os sabores da cozinha e os carinhos através de abraços constantes que eram trocados quando estávamos pertos. Ele era de Salvador, na Bahia, onde trabalhou de cozinheiro para a Marinha daquele Estado. Morou um pouco no Rio de Janeiro e casou-se, pela segunda vez, com minha tia que era de Curitiba. A gente se via em datas especiais como páscoa ou festas de final de ano, sempre com muita festa, comida e cerveja de rótulo azul. A casa toda ficava feliz quando ele aparecia. Certa vez, comi rabanadas feitas por ele. Achei estranho aquele sabor todo de canela que nunca havia provado antes, mas como sou grata pela oportunidade de apreciar aquele perfume em minha boca pela primeira vez na vida. E a feijoada dele então? Era uma espécie de magia, pois ficava cozinhando por dois dias, em fogo a lenha, no quintal de casa, dia e noite, verificando, de vez em quando, a lenha e a água. Dois dias depois, todas as carnes agregadas ao sabor do feijão ou, o feijão agregado aos sabores das carnes: FANTÁSTICO! Eles, os adultos mais meu tio Lima ficavam ali, naquela mesa, comendo a tarde inteira, bebendo aquele líquido amarelo de espuma densa e branca, que já havia provado sem entender como é que os adultos podiam tomar tal coisa amarga. Mal sabia eu que, mais tarde seria algo de muito gosto para mim, principalmente, quando experimentei a cerveja de trigo pela primeira vez. Fez-me lembrar do pão da mãe.



foto 3 Tio Lima.

Escolha Profissional

Até aqui não tinha sonhos, além o de ser bailarina. Ainda em São Paulo, ganhei um colã vermelho que não tirava do corpo e, sempre que chegava um amigo dos meus pais ou parentes, logo tratava de ficar na ponta do pé (sem sapatilhas ou proteções para os dedos), me exibindo com gestos de braços e pernas de uma bailarina. Para acompanhar o colã vermelho, uma meia calça grossa, branca, que minha madrinha havia me dado. Ficava dançando por horas mesmo sem música, mas não me lembro de ter verbalizado minha vontade de estudar balé, nem sabia que isso existia e que poderia dançar em uma escola e aprender mais. Não tive mais sonhos, tão fortes como este, para minha vida futura, apenas ia seguindo o que tinha de viver a cada dia.



Foto 4 Eu no escorregador do parquinho em ponta de pé.

Em uma biblioteca de alguma escola eu encontrei um poema que falava de uma bailarina que eu adorei desde o dia que o encontrei. O poema é de Cecília Meireles:



22

Gente - 23

A bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem sí,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.

Quando voltamos a morar em Londrina, sofri muito. Entrei numa escola onde eu não conhecia ninguém. Uma escola muito grande tinha medo da loira do banheiro, tinha medo das meninas mal-encaradas que eu tive de correr várias vezes na saída das aulas. Nunca soube o porquê da implicância delas comigo. Sei também que a escola nunca se meteu nessa história. Escondia-me entre os carros estacionados na rua do portão de saída e, logo, me danava a correr ladeira abaixo sem que elas me alcançassem. Não comentava na minha casa o episódio com medo de apanhar. Isso foi na sexta série.

Sétimo e oitavo anos se passaram sem muito o que pontuar aqui a não ser pelo fato de tomar uma suspensão das aulas de educação física pelo fato de “gritar histericamente com a professora”. Fiquei indignada com a suspensão. Acho que tanto tempo sem falar me fizeram algum mal. Foi preciso gritar “histericamente”. Deveria ter gritado dessa forma era com a professora de educação artística para que ela acordasse para nós, da sala, e parasse de folhear as revistinhas de cosméticos e pudesse enxergar meus desenhos de observação das samambaias penduradas na garagem da casa da minha vó.

Mostrei meus desenhos para ela, ela viu, mas não olhou. Pediu para que eu voltasse para a carteira e fizesse o que ela tinha falado para fazer.

Os anos foram passando e já começava a me preocupar com a questão de trabalhar. Uma colega do oitavo ano dizia que iria fazer o propedêutico a noite e que pelas manhãs faria um curso profissionalizante de prótese ali mesmo no Colégio de Aplicação da U.E.L., foi quando pensei em fazer o 2º grau profissionalizante na escola perto de casa, o Instituto Estadual de Educação de Londrina, I. E. E. L., que também me pouparia tempo e dinheiro que não tinha. Depois de falado para meu pai e o convencido com meus argumentos de sair do colégio do centro para vir estudar magistério, na escola mais próxima, ele aprovou meu desejo.

Nesta escola, muito maior que todas as outras que eu já havia estudado, aprendi a matar aulas e ficar batendo papo, rindo muito com algumas colegas e que a sensação de liberdade, fora da sala de aula, dentro da escola, era maravilhosa. Aprendi a abraçar a professora Gumercinda de Metodologia de Educação Física que era abraçada por todas as alunas. Era uma gordinha, um pouco mais baixa que os meus um metro e meio, de cabelos loiros, lisos, curtinhos. Aprendi que era muito divertida uma sala só de mulheres e que as mulheres mais velhas que eu, que já eram casadas, poderiam ser muito generosas. Aprendi a fumar para encenar melhor um teatro sobre drogas, feito com muito realismo, só não sabíamos que o teatro era voltado para crianças do ensino infantil. Desse fato, rimos muito depois. A professora estarecida assistindo a cena. Elogiou-nos, e no final da apresentação disse que era um teatro um pouco forte para crianças de educação infantil, mas iria valorizar e pontuar nosso esforço e dedicação.

Nos processos de estágio não tinha dificuldade para ater a atenção dos alunos e alunas no momento de proposição das minhas atividades planejadas para eles. Gostava de elaborar as atividades, gostava de estudar de pesquisar em livros e trazer imagens em livros ou no retroprojetor da época. Gostava muito de trabalhar com a integração das disciplinas e não sentia dificuldades nos planejamentos.

Justo nesta época sofri um duro golpe da vida, meu irmão mais novo com 12 anos faleceu, um acidente. Ele andava de bicicleta em uma grande

descida e perdeu o controle da bicicleta ao bater em um carro parado. Bateu com violência a cabeça no chão. Ficou 3 dias na UTI e faleceu por traumatismo craniano. Fiquei um tempinho em casa, meio desnorçada, como todos por lá. Vi minha mãe envelhecer dez anos na minha frente. Aos poucos as coisas tinham que continuar o caminho.



Foto 5 Marcius com 7 anos de idade

Quando voltei para a escola e aos estágios, era impossível não encontrar alguma criança com os traços, as sardas ou aquele olhar de menino peralta pronto para se defender caso fosse acusado de algo, em alguns dos meninos das escolas que eu estagiava. Minha família foi se separando depois desse acontecido.

Meu pai foi embora de casa, meu irmão mais velho logo foi morar sozinho na mesma cidade ainda e minha irmã mais nova foi atrás de sua felicidade nos Estados Unidos ficando eu e minha mãe. Eu me sentia responsável pela minha mãe e não queria deixá-la sozinha e também não sabia para onde ir. Continuei os estudos e graças a estar cursando magistério, comecei a dar aulas numa escola de educação infantil: recreação para os meninos e balé para as meninas. Como eu era autodidata (as donas da

escola não precisavam saber disso) e as minhas aulas faziam muito sucesso na escola, principalmente nas apresentações de final de ano, me sentia uma bailarina. Os pais e mães adoravam as apresentações e me convenciam de que eu era mesmo uma professora de balé. Continuei dando aulas em escolinhas infantis particulares, não mais como bailarina, mas como professora formada e pela paciência de uma colega da igreja, do grupo de jovens, que viria a se tornar uma grande amiga e confidente.

Adriana Cristina, que eu chamei carinhosamente, depois de um tempo de Drielen, foi quem me convidou para trabalhar com ela na escola. Não, ela não me convidou, foi forçada a ceder às minhas súplicas e aceitar-me depois de tanto enchê-la o saco após as missas de domingo à noite.

Na escolinha aprendi muito mais, com certeza, do que ensinei. Aprendi a lidar com meus sentimentos, aprendi a amar incondicionalmente aquelas criaturinhas, aprendi que essas mesmas criaturinhas poderiam ser muito perversas também.

Certa vez, um aluno de nome Rian, carinha de anjo estereotipada, colocou a culpa de algo que havia acontecido, no outro aluno, o Jair que era bem agitado, sempre aprontava e que tinha um olhar de que não entendia muito bem porque aprontava. Eu, lógico, logo acreditei em no Rian que logo acusava o Jair, que teimava, sem muito convencer-me, de que não havia sido ele. Levei os dois até Adriana, que gastou toda a sua paciência e também seu lado aconselhador, que eu gostava de pensar que era uma mágica de bruxa, para convencer a dupla que a verdade precisava ser dita ali. Não deu outra. O carinha de anjo estereotipada quis se aproveitar da má fama do aluno travesso. Coisas de crianças, adoráveis e inteligentes para safar-se de responsabilidades. Eu diria que: coisa de humanos. E eu me maravilhava de como a Adriana (ainda não Drielen) poderia ser tão sábia, tão sensível e tão sensata. Adorava seus predicados e desejava ser tão ponderada como ela, coisa que eu não era mesmo.

Assustei os muitos pequeninhos quando, brincando de massinha de modelar com meus alunos de cinco anos, fizemos unhas compridas e pontudas e grudamos em nossos dedos. Tivemos a ideia de ir brincar com os de um ano e meio para dois anos. Que ideia!

Quando chegamos à sala dos pequenos, houve primeiro um olhar de curiosidade de todos que se transformou logo em uma massa de choro. A professora teve que pedir ajuda para acalmarem todos por lá. A Adriana só me olhava com ar de muita raiva, sem acreditar na minha falta de sensibilidade. Eu não poderia imaginar todo aquele choro. Todos nós da sala estávamos muito felizes de poder interagir com os pequeninos, mas não foi da melhor forma. Quando penso em tudo aquilo, rio. Como pude? Adriana sempre no meu pé, num bom sentido. Acredito que passei da adolescência para a vida adulta muito com sua ajuda, mais com suas ternas correções ou com sua dureza de puxões de orelhas.



foto 6 Na Escola de Educação Infantil Pequenópolis,
em Festa à Fantasia de dia das crianças.

Hoje, em 2016, a Drielen está morando em Rio Claro - SP e prestes a se mudar com as duas crianças e o marido, pedi a ela que contribuísse com seu olhar na minha história:

A minha paciência com vc foi pq vc era esforçada, verdadeira e tinha muito jeito para essa arte de ajudar os outros. No começo bem atrapalhada, trocava os pés pelas mãos (é assim esse ditado?)kkk. Tinha que te colocar no trilho várias vezes, por ser muito intensa e inocente! Esse é o retrato do seu início, o que lembro do seu perfil de profissional!!

Sou grata por ter passado por essa escola. Grata também pela Cibele que era professora comigo. Nos divertíamos muito no portão da escola aguardando os pais e as mães dos alunos e alunas. Riamos de situações que havia acontecido com ela, que sempre tinha algo hilário para contar ou com os olhares dos motoristas que passavam pela rua movimentada. Ela que me falou certo dia, sobre seu curso de Educação Artística, que estava fazendo na U.E. L. Só de ela dizer Educação Artística, já me veio à mente aquela professora desmotivante. Cibele, bem empolgada foi logo dizendo que Educação Artística era só um nome, que o curso era muito diferente das aulas que um dia tivemos. Ela dizia que tinha aula de cerâmica e que havia uma oficina para criarmos as peças em argila e que podia-se usar a oficina a qualquer hora, que sempre conversava com estudantes de outros cursos ou veteranos que estavam fazendo aulas de cerâmica no departamento de artes. Que havia aulas de fotografia e laboratório que usavam para revelar as fotos e que era toda escura, bem especial para não estragar as fotos e as montagens, manipulações que faziam e que, viajavam para São Paulo para ver obras de arte, mas que, quando havia conhecido Ouro Preto - MG, com aulas de história da arte brasileira, ela havia ficado maravilhada. Eu fiquei maravilhada ao perceber a esperança encher meu coração com toda aquela fala dela. Cibele me trouxe boas novas, foi mais que qualquer presente material, foi vida. Me sentia muito agradecida por ela ter compartilhado comigo aquelas experiências.

Algumas vezes, com a turma da 7ª ou 8ª série, fui até a U.E.L e me pareceu assustadora: era enorme. Muitas construções e nada parecida com as escolas que já havia passado e conhecido. Uma vez fomos ao setor de morfologia. Tinha muitos fetos em vidros grande de conservas. Alguns bebezinhos eram bem pequenos outros grandes, quase não cabiam nos vidros. Havia um, o mais comentado entre nós, que tinha duas cabeças. Eu me assustava olhando tudo aquilo, mas o que mais me impressionava era como todos aqueles fetos chegaram até ali? E suas mães, elas sabiam que seus filhinhos estavam ali? Elas tinham morrido também? Nos chamaram para a aula, eu a chamei de técnica de confronto. Havia dois pulmões em cima de uma mesa e um sujeito com pinças grandes a fim de mexer com o órgão e nos fazer ver bem de perto o que acontece com o nosso pulmão se decidirmos fumar um dia. Era ou não era uma psicologia do confronto?

Como disse, havia dois pulmões em cima da mesa que, o sujeito de jaleco branco dizia que estavam ali para podermos comparar o pulmão de quem fuma e de quem não fuma. Era um pulmão de uma pessoa com aproximadamente 40 anos e que havia fumado muito. Tinha muitas bolinhas escuras, naquele órgão que já era marrom-escuro, como bolinhas de bolor em um pão francês. Era rígido. O sujeito explicava que o pulmão é uma esponja, igual a esponja de lavar louça, que absorve a água, se fumássemos nossos pulmões ficariam rígidos o que causaria a falta de ar exatamente por não fazer mais o movimento da esponja. Alguém perguntou de quem era aquele pulmão e o sujeito de jaleco branco respondeu que as pessoas que morrem nas ruas ou nos hospitais que não têm nenhuma forma de identificação por documentos ou por outras pessoas, vão para o I.M.L. Lá, esses corpos ficam por 30 dias para o reconhecimento de famílias que porventura perderam seus familiares e que, depois desses 30 dias os corpos eram doados para o setor de biológicas da universidade. Disse também que uma vez ao ano é realizada uma missa pelos corpos indigentes que iam parar ali e que eram usados para estudos.

Assim que acabamos essa aula, fomos passando por outras salas, todas com um cheiro muito forte, era formol. Vi pelo lado de fora de uma das salas, em uma caixa d'água cheia de formol, uma patinha de cachorro, ela estava esticada e parecida bem rígida e a professora falou que era para os estudos de

veterinária. Só aquele setor cheio de salas entre ruas e estacionamentos mais outras salas ruas e estacionamentos dava quatro quarteirões de casa e eu só ficava me perguntando: onde estão os muros? Assim como quando fui nada pela primeira vez no mar me perguntei: onde estavam as bordas? Era tudo desprotegido, assustador e ao mesmo tempo fascinante, as duas coisas, a falta de muros ou bordas. Eu ainda imaginava como seria aquilo tudo a noite e o meu pavor crescia pois nunca havia estudado a noite e não poderia me dar ao luxo de estudar pela manhã, uma vez que tinha que trabalhar para pagar meus gastos.

Ao terminar os estudos do 2º grau da época prestei concurso vestibular, mas não tinha certeza se queria passar no curso de Veterinária. Todas falavam no último ano do magistério sobre fazer uma faculdade. Fiz o concurso para não passar. Outros concursos de vestibular vieram, se passasse faria os estudos na faculdade se não passasse minha vida continuaria, mas tudo mudou depois de minha conversa com Cibele no portão da escola. Fiquei muito feliz com a descoberta e tudo aquilo me parecia muito bom.

Fiz cursinho pré-vestibular, um que estava recém-abrindo em Londrina e meu pai foi negociar com o dono da escola e meu pai me deu de presente 6 meses de curso para o vestibular da UEL. Estudando a noite no cursinho, nem percebi que meu medo da UEL “noturna” desapareceu, não pensava mais nesse medo e sim no desejo de aprender todas aquelas coisas que a Cibele havia dito com tanta paixão.

No dia de divulgação da lista dos aprovados do vestibular da UEL de Janeiro de 2001, na primeira chamada, fui com algumas amigas até a Concha Acústica, centro de Londrina e em frente ao Jornal Folha de Londrina de onde jogavam a listagem para que pudéssemos conferir os nomes dos aprovados. Meu nome estava entre os 10 nomes dos que passaram. Fiquei muitíssimo feliz e ao mesmo tempo eu achava que pudesse ser um erro. Por um minuto fiquei pensando se existiriam duas Samiras Padilhas Xaviers! Uma confusão imensa. Eu e minhas amigas, no meio de uma grande euforia de todos e todas, naquele local, nos apertando para pegar uma das listagens e assim que vi meu nome essa grande confusão me veio à cabeça. Minha amiga olhou-me e deu um sorriso dizendo: “Tá loca? Claro que é você.” Recobrei os pés no chão e

comecei a pular e sorrir. Uma das meninas havia feito vestibular e passado para música, nos abraçamos. Logo ovos começaram a ser esmagados em nossas cabeças. Em pouco tempo já tinha um cheiro forte de ovo cru naquele lugar e uma fumaça de farinha de trigo. Todos e todas que passaram no vestibular eram felicitados e se percebia logo, pela cara de decepção, quem não havia passado. Ao perceber isso eu me constrangi um pouco e só pensava em ir até a capelinha do Colégio Mãe de Deus, do movimento de Shoenstatt para agradecer aquela vitória. Foi o caminho de volta para casa mais feliz da minha vida.

14004 THAIS GUEDES DE OLIVEIRA

OPÇÃO: EDUCAÇÃO ARTÍSTICA - NOTURNO

INSCR NOME

14153 ANANIAS FRANCISCO DOS SANTO

14089 CRISTIANE DELEGA DA SILVA

14123 JULIANO RODRIGUES CARVALHO

14121 NATACHA LABASTIA

14096 REGINALDO RAMOS

14213 SAMIRA PADILHA XAVIER

14186 VAGNER JOSE DE CARVALHO

14088 VITOR HUGO R DR GUES

14198 VIVIANE MASCARENHAS ALMEIDA

14154 WAGNER M MILLEO DE CASTRO

Foto 6 Listagem dos aprovados no vestibular UEL inverno de 2000.

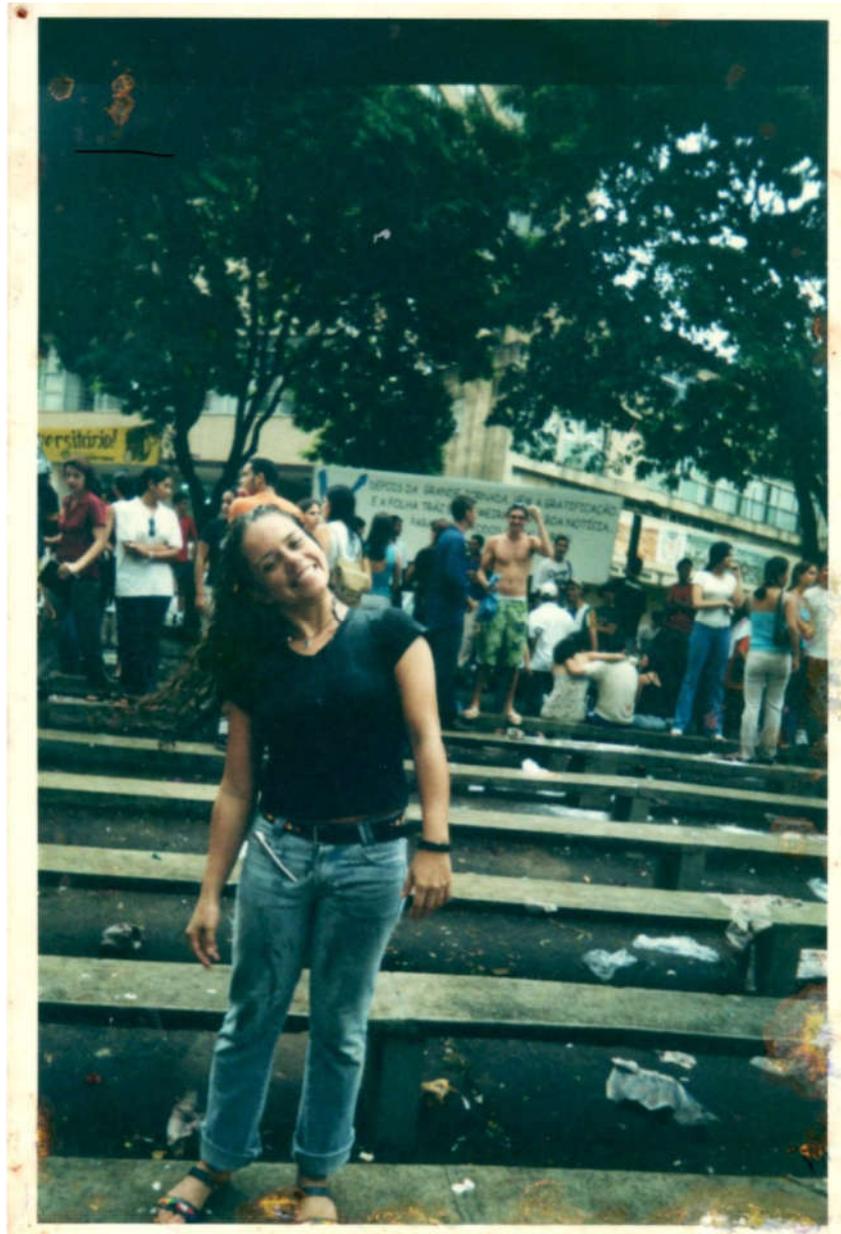


Foto 7 Na Concha Acústica melecada de ovos, fedida e feliz da vida

Nossa primeira noite de aula na UEL foi na sala de cerâmica com uma

professora de estilo alemão, bem branca, alta, meio cheinha mas no ponto para a idade que aparentava. Ela falou com voz segura, nada amistosa, sem esboçar um sorriso e um tanto quanto arrogante devido a tantos anos que passara se dedicando às aulas de cerâmica na instituição e nos falando de seu curriculum de artista com exposições dentro e fora do Brasil. Achava tudo aquilo bem bom mas não via a hora de pôr a mão na massa. Tínhamos uma máquina que processava a argila e de dentro dela saia a argila amassada e bem condensada para começarmos a prepará-la para o trabalho. O som da sala era de massa dura sendo jogada com força em mesa de madeira que ao atingir a base da mesa quicava os pés no chão e produzia outro barulho. Era uma festa. A professora, de voz segura, depois de muito falar sobre a questão do chumbo presente na argila e em seu corpo, das maneiras e cuidados para deixar as peças secarem e enfim a queima, pediu para que criássemos uma estrutura. Fiz muitos quadradinhos, maneira de dizer porque eram retangulozinhos, fechando um círculo com o espaço de mais um retângulo entre eles e comecei a fazer andares. A estrutura foi crescendo com os retangulozinhos de argila molhada. Uma estrutura pesada que, a certa altura começou a amassar os retangulozinhos debaixo. Cada um fez o seu e foi ótimo sentir e sujar as mãos com aquela terra marrom escura. No término da aula, para sua avaliação, a professora disse que estava surpresa com o que estava vendo e não tinha visto antes uma turma com tantas pessoas “inteligentes”, e que ousava dizer que essa seria a melhor turma desde quando ela atua na instituição. Achei que era um elogio e pensei que eu ia ter que correr atrás para sustentar a sua surpresa e também pensava que estava realizando um sonho e essa sensação era de puro êxtase.

Logo que ingressei no curso de Artes, consegui emprego numa escola particular para dar aulas algumas vezes por semana, na parte da tarde. A escola possuía material didático e nesta escola fiquei pelos dois primeiros anos do curso na UEL. Aprendi muito com minha coordenadora que era professora há muito mais tempo que eu, tinha diplomacia em sua fala e tinha ideias maravilhosas para as artes desta escola. Além das salas com os estudantes de 1º ao 5º ano fazíamos alguns projetos como os outdoors espalhados pela cidade ao final do ano que tinha trabalhos dos estudantes que produziram

imensas obras de recorte e colagens com papéis de antigas campanhas de propagandas. Foram releituras das obras de Miró. O resultado foi uma grande exposição ao ar livre. Lindo! Descobri a Arte Educação como ferramenta de transformação de pessoas e, por meio desta escola foi me apresentado o prof. José Pacheco as donas da escola juntamente com a pedagoga foram até a Escola da Ponte saber como acontecia a educação por lá. Voltaram só contando coisas boas. Era uma espécie de motivação profissional, pois nada de fato mudou na escola ou as aulas. Só de saber que uma escola diferente existia já me trazia curiosidade e alguma fé na escola, e as atividades, por lá, continuavam. Produzimos um grande mural de azulejos com desenhos produzidos pelos próprios alunos e alunas com tinta de cerâmica, finos pincéis e cotonetes nos mirando nos desenhos rupestres e suas imagens do que viam há tempos atrás e do que vemos na contemporaneidade. Foi ótima experiência, minuciosa, delicada e com resultados maravilhosos. Era muito bom ver as crianças se reconhecerem nos trabalhos, reconhecerem os outros e desenvolverem o gosto pela arte através das conversas que tinham. O painel de azulejo foi montado no corredor de ligação dos dois prédios desta escola. Era passagem obrigatória e um caminho cheio de energia boa.

As aulas continuavam maravilhosas na UEL e eu feliz da vida por não precisar ter aulas de matemática. Esse pensamento era o cúmulo do prazer para mim. Nunca fui boa nas resoluções de problemas matemáticos ou no uso de fórmulas e não as estudar mais na universidade me fazia muito feliz. Logicamente que nas aulas de escultura e estética desenvolvia a matemática. Ela estava muito presente nas artes, mas não daquele jeito chato e incompreensível nas aulas do fundamental ou médio.

Lembro que fiz um trabalho com as vagens secas do flamboiant, sugestão do prof. Piau. Montei como que um trilho de trem com as vagens secas e as uni com parafusos, porcas e arruelas. Tive que calcular o tamanho que seria a obra, quanto de material que precisaria na montagem desta obra e tantos outros cálculos ainda tiveram que ser resolvidos. Montamos a estrutura como um trilho de trem numa área de bosque, atrás de departamento de Artes. Era como se fosse um caminho com direito a looping como aqueles da montanha-russa do parque de diversão. A ideia era dar outro destino a vagem

seca, naquele momento, alongar sua vida por meio da arte e para as pessoas que passassem pelo local e logicamente que muitas pessoas tiveram que me ajudar e trepar nas árvores para que o projeto fosse, enfim, realizado. Eu gostei muito do resultado.

Passava mais tempo na UEL que somente nas aulas, uma vez que o trabalho na escola particular eram dois dias da semana e era muito bom. Como sempre fui muito tímida e de poucas conversas estava no meio de pessoas que eram descomplicadas de lidar, a meu ver. Sem necessidade de aparência física luxuosa, que não se confunda com desleixo. Eram pessoas muito vaidosas com a aparência, porém de uma maneira fora dos padrões e eu adorava essa liberdade. Eu não era padrão de vestimenta. Adorava um pé no chão e me achava meio riponga.

Passava as tardes, que tinha livre, na oficina de cerâmica e marombava o barro e brincava ali criando obras e utilizando das técnicas que aprendia nas aulas. Os veteranos e veteranas estavam sempre por lá, também. Levavam rádio. Conversavam sobre tudo e davam risadas. Eu ria junto.

Tínhamos que fazer muitas horas de estágios dentro de sala de aula ou em projetos e fui integrada na equipe do Hospital de Clínicas da UEL que desenvolvia o projeto Brinque-Hospital com recreação para as crianças que eram Soro Positivas em tratamento. Elas vinham acompanhadas por um adulto e ficavam muito tempo na recepção até serem atendidas. Algumas os pais já haviam morrido. As crianças tinham um olhar de medo, mas assim que as atividades começavam o olhar se transformava. Fazia desenho com elas, contávamos história, teatro com fantoches, tudo sempre com muito cuidado pela frágil saúde das crianças. Então, os cabelos tinham que ser presos, nada de brincos ou anéis e sempre ao final das atividades eu conversava com a psicóloga que me ajudava a lidar com tudo aquilo dentro de mim e com a logísticas de materiais e atividades com as crianças.

A Patricia era a maiorzinha de 8 para 9 anos com olhar doce, cabelos sempre amarrados, encaracolados, abaixo dos ombros. Tinha vários irmãos que não sei precisar no momento e ela sempre estava pronta a me ajudar com as atividades. Gostava de contar histórias e de ser elogiada quanto a seus desenhos. Ela me abraçava bem forte e sorria quando nos despedíamos. A

realidade das vidas das crianças que eram atendidas ali era bem dura e por vezes as histórias deles e delas me faziam chorar no ônibus voltando para casa. Sentia que eu precisava tornar aquele momento que estavam comigo de alegria, carinho e conforto. Um ano de projeto e já havia feito as 300 e poucas horas que eu tinha que fazer. Continuei atuando no Brinque-Hospital como voluntária, mas a Patrícia não apareceu uma manhã. Fizemos a atividade de recreação artística com as crianças que na recepção estavam. No momento de conversa com a psicóloga, com um olhar de extremo cuidado e ternura, me disse que a Patrícia havia falecido. Ela havia ficado muito, muito doente e não respondia aos medicamentos e que isso tinha sido muito rápido. Eu chorei com ela que se emocionou também. Naquele momento ela falou que eu estava livre para fazer o que quisesse e que as crianças ficariam bem e que já viriam novos estudantes de teatro para o Projeto. Fiquei bem. Dei um forte abraço na psicóloga e fui para casa. Não sentia que estava desistindo, sentia que tinha feito meu trabalho e que ele havia encerrado ali. Me deu saudade da Patrícia.

Dois anos depois de iniciado o curso de Artes e de trabalho na escola particular decidi que queria ficar mais dentro da UEL. Comecei a cantar no Coro do Campus, UEL com a minha queridíssima professora, contralta, arte-educadora, maravilhosa Maria Irene onde nos encontrávamos 3 vezes por semana no horário de almoço já que a maioria das pessoas que faziam parte do coro era de funcionário UEL, e foi outro encantamento em minha vida. Essa coisa de abrir a boca era muito difícil para mim, mas o resultado do conjunto era lindo. Cantávamos de Roupas Nova a Lupicínio Rodrigues e, até turnê fizemos cantando em igrejas, faculdades e teatros em Mafra, Lapa, Rio Negro e Siqueira Campos. Foi muito bom pelas amizades que fiz e pelos conhecimentos em música que conquistei com os excelentíssimos professores engajados nesse projeto. Isto se reflete até hoje nas aulas de artes que proponho.

Em meio à cantoria no coral e as aulas do curso de artes, comecei a trabalhar com crianças e adolescentes em conflito com a lei, pelo convite de uma amiga que acredita na arte como meio de transformação de pessoas. O Projeto Murialdo, trabalhava para fazer cumprir a Medida Sócio-Educativa que o Juiz dava a eles (em sua maioria, meninos). Havia a Medida de Liberdade

Assistida de 6 meses no mínimo para aqueles que, após cumprido internamento ou crime considerados graves, precisavam ser acompanhados pelas Assistentes Sociais que articulavam encontros em grupos, por bairros diferentes por causa das rivalidades. A Medida de Prestação de Serviço à Comunidade para que o adolescente tivesse a oportunidade de ressarcir um dano causado e que eu era responsável por ser a intermediadora para a execução de um projeto que beneficiasse o entorno da Sede do Projeto Murialdo que era rodeado por casas de apoio a pessoas que faziam tratamento de câncer no hospital que ficava logo ali na esquina.

Um grupo era reunido de manhã e outro a tarde e nos encontrávamos uma vez por semana. Íamos até as casas que abrigavam essas pessoas e conversávamos com as pessoas que geralmente faziam radioterapia pela manhã e ficavam ociosas na parte da tarde ou o contrário e então perguntávamos para a pessoa que administrava o local e para as pessoas que ali ficavam como é que poderíamos ajudar. Os adolescentes eram bem retraídos nessas primeiras visitas. Somente os administradores dos locais sabiam quem eram aqueles adolescentes e não viam mal algum no Projeto. Fizemos artesanato com jornais criando cestarias, fizemos hortas para umas das casas de repouso, fizemos um dia de recreação para uma creche ali perto e fizemos mosaico com restos de azulejos para as paredes do parque desta creche. Certa vez, uma das assistentes sociais pediu para que eu fizesse algumas perguntas para os meninos para que respondessem por escrito no final de sua Prestação de Serviço, no caso do trabalho do Mosaico e foi uma surpresa a analogia que este menino fez a respeito dos cacos de azulejos que se juntam para formar uma nova imagem.

Nas aulas de artes ouvi muito sobre a arte educação e como ela pode ser motivadora para sensibilizar as pessoas e isso ia me encantando. Através do trabalho no Projeto Murialdo, eu de fato compreendi o que a arte educação pode motivar, tocar, sensibilizar, transformar. Era preciso apenas ser ponte para que os meninos se reinventassem.

Por ser um ambiente em constante conflito pela rivalidade criada entre os meninos e os bairros que moravam, tivemos que esconder alguns meninos por algumas vezes para que não houvesse o confronto e por vezes um menino

era morto o que nos abalava profundamente. A tensão do dia todo era razão das minhas crises de bruxismo ao dormir. Depois de 6 meses achei que era hora de me dedicar exclusivamente ao curso de artes mergulhar em projetos de estudos de preferência com bolsas ou pelo menos contando horas ou como experiência. Como um namoro eu precisava conhecer mais as possibilidades do curso e da UEL.

Com a Professora Maria Irene tive muitos momentos bons: tanto de puxões de orelha como de grandes risadas e mais ainda de aprendizados sobre arte. Passamos muito tempo juntas quando fizemos parte da equipe de registro do evento do SEURS. Trabalhamos registrando, com o olhar artístico, tudo o que acontecia nesse evento. Foi muito cansativo, mas o que eu aprendi com a filmadora, enquadramentos, nitidez com luz e foco, e os amigos que fiz leve pra vida toda. A maneira séria que levava os assuntos, equilibrando com suavidade e com grande paixão tornava as atividades bem fáceis de serem executadas. Me apresentou a Ana Mae Barbosa e a sua metodologia triangular no ensino de arte que consiste em contextualizar historicamente, fazer artístico e apreciação artística. Me apresentou ainda Anamélia Bueno Buoro que pesquisa sobre a arte educação e sobre os professores da área, Fernando Hernández e tantos outros que contribuem para a melhoria da educação em arte no país. Fizemos um vínculo que me faz muito bem lembrar. Convidei-a para fazer parte da minha banca de análise de TCC, acompanhando o professor Danillo Villa que fez grande diferença na minha vida profissional e a pessoa que sou hoje, acredito que um pouco melhor.

Esse professor não tinha como ser superficial em sua companhia. Eu tinha desejo que ele ficasse para sempre dentro de mim. Acho que por isso o convidei para ser meu mediador no TCC, mas pelo fato de tê-lo conhecido por ouvir falar pois durante meu curso ele estava afastado para o mestrado e ele me aceitou. Ele era muito humano nos ponderamentos que fazia com meu trabalho e me fez descobrir Mira Schendel¹ e uma obra² de Rembrandt que juro

¹ Pouco se conhece da sua vida antes da sua chegada ao Brasil. Nascida em Zurique, na Suíça, em 7 de junho de 1919, fugiu das perseguições nazistas, casou-se na Iugoslávia. O casal viveu em Roma de 1946 a 1949, quando obteve permissão para emigrar para o Brasil. Tinha um forte gosto pela filosofia que, se fez refletir sobre sua obra. Desembarcou, aos trinta anos, em Porto Alegre.

Trabalhou em tipografias e no isolamento, um momento no qual sua vocação artística, antes cerceada pelos percalços da guerra, já não se pôde mais conter. Mira participou da I Bienal de São Paulo e sobre

que era eu em outras vidas.

Quando, por motivo do TCC em artes, fui pesquisar as obras de Mira Schendel, eu me descobri em suas linhas suaves delicadas e com força sem igual pois eram feitos em papel arroz que é muito fininho. E mesmo sendo uma linha, curta por vezes, a impressão que eu tinha era que aquela linha havia demorado muito tempo para ser feita naquele papel. Não era apenas uma linha e pronto. Era delicadeza e força combinados, em equilíbrio. Descobri o quanto gosto de linhas e o quanto tudo o que fazia e admirava em uma obra de arte tinha haver com linhas. Passei a me reconhecer. Olhar os galhos de árvores, os fios de energia elétrica nos postes e seus emaranhados, suas confusões me faziam rir.

Na obra *Banhista*³ de Rembrandt, me vi em algumas vidas passadas e as palavras que seguem são minhas, em análise muito romântica, desta obra que mais me parecia uma foto minha tirada por alguém que me cuidava ao tomar meu banho:

Citei este quadro de nu, pois é sua forma que me interessa. Este trabalho tocou-me profundamente. A sedução do momento, o gesto da modelo e do pintor. Os elementos que compõem o conjunto da obra: Corpo, água, linhas, sedução da pouca luz, movimento.

Elementos que fazem parte do que escolhi para apresentar como Trabalho de Conclusão de Curso. As coxas grossas, cabelos avermelhados, a ânsia de alcançar a água se assemelhavam ao trabalho produzido e então me percebi dentro do quadro.

A presença da água que por um capricho do artista não abraça o corpo, mas ao olhar para a água a modelo transfere ao observador o desejo de se jogar nos braços desta e permitir que toque todo seu corpo, senti-la por toda sua pele é a sua busca. Esta doce cena é envolta de penumbra que num olhar

isto ela diz: “Mandei trabalhos para a I Bienal de São Paulo. Tive essa coragem. Coragem da juventude, da loucura. Fui aceita” (Espaços da arte brasileira/ MIRA SCHENDEL, 1919-1988, p. 15).

² Rembrandt Harmens van Rijn, nasceu em 1606, nas então, Províncias Unidas, Holanda, que três anos mais tarde se tornariam liberta da coroa espanhola. Este fato se torna importante para entender como se daria a vida de Rembrandt: famoso e rico aos trinta anos, morreu incompreendido e na miséria aos 63.

³ Aos quarenta anos, o artista contrata uma segunda governanta para Tito, seu filho. Hendrickje Stoffels tinha apenas quinze anos quando entrou na casa de Rembrandt, para se transformar na companheira de sua vida. O quadro *A Banihista*, de 1655, que tem Hendrickje como modelo que morre em 1663.

mais cuidadoso, chega-se a ouvir uma suave música ao fundo. Pureza e sensualidade se confundem num convite ao observador a despertar a verdadeira consciência do sentir, convida a estar presente com todo o ser para olhar, ouvir, toca, sentir e por que não perceber os aromas deste delicado momento. A delicadeza de subir a roupa de banho, as pernas entre abertas como num passo e o rosto sedento pelo abraço da água, o colo que vela e desvela, sensualidade que é vislumbrada.



Mergulhar é chegar bem ao fundo e deixar ser tomada, possuída é a

permissão de relação. Sensações que se tornam possíveis através da pele.

A pele torna possível o sentir através do tocar e na melhor maneira de concretizar esta busca. Jeudy em seu livro “O Corpo como Obra de Arte”, diz sobre a pele na pintura:

“Dar à tinta da pele a riqueza de suas nuances parece sempre impossível, pois esta nos separa da representação do corpo no momento em que experimentamos sua textura, de modo visual ou tátil. Toda representação corporal é por um instante suspensa pelo ato de ver ou de tocar as pequenas saliências dérmicas...para se tornar uma superfície com relevo próprio separando-se da forma. (p. 84)”

E Danillo me fez olhar para o corpo como fonte de prazer instituída possível e não aquilo que até então eu havia sublimado por minha educação religiosa.

As nossas conversas para estudos do trabalho de conclusão eram muito apaixonantes e ele realmente acreditava no que eu estava fazendo. Danillo realmente me dava valor e eu fui motivada por esse valor que ele me fazia acreditar e que eu realmente poderia escrever sobre o que eu quisesse até sobre as linhas dos desenhos de observação das samambaias da minha avó.

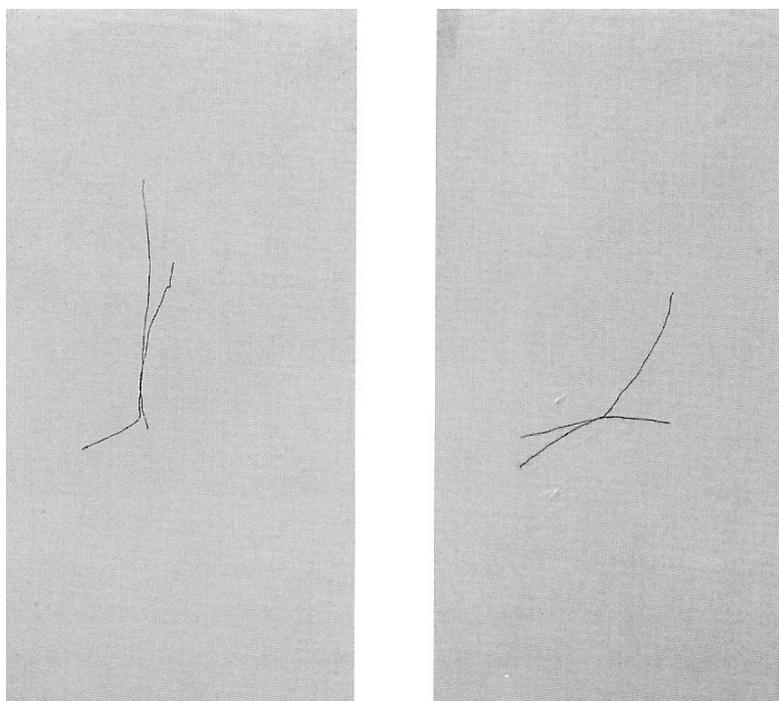
Linhas pelas quais já era apaixonada e que escancaram em mim através dos meus olhares ao meu redor dos galhos das árvores, das raízes do flamboyant, de algumas rachaduras, de arames deixados na rua que eu encontrava e destes trabalhos de Mira Schendel que comparei com A Banhista de Rembrandt:

A linha que desaparece, aos olhos, nos desenhos de Rembrandt, surge nos trabalhos de Mira Schendel como se nascesse de dentro do papel. Nestas produções utiliza papel-arroz japonês ultrafino o que dá a sensação de que as linhas nascem do papel, “sem que o movimento externo a conduzisse” é o desejo de estar ali. Em alguns desenhos, o gesto pode ser rápido, em outros mais lentos o que expõe a gestualidade, a espontaneidade do traço que foi exercida à exaustão. Liberdade e delicadeza do gesto, características

fundamentais de sua plástica: “Dou a maior importância que seja assim manual, que seja artesanal, que seja evidenciada. Que saia assim da barriga. Deve brotar da ‘barriga’ e não simplesmente da mão” (p.27).

A linha de Mira muito me instigou. A economia de recursos e do gesto, o aspecto corpóreo e sensorial que provoca o desejo de tocar. O espaço vazio é potencializado e a linha, na maioria das vezes, apenas estimula o vazio: “O vazio que evoca o absoluto, o tempo eterno, contrasta com a efemeridade do gesto inacabado” (p.29).

Assim as linhas desta série, desejam continuar o percurso mesmo que somente na imaginação do observador.



Uma forma de fazer Danilo permanecer um pouco mais em minha história viva era continuar como voluntária depois de me formar dentro do Projeto que ele tocava na UEL, e assim foi feito.

Nas reuniões do Projeto Mural que ele era coordenador, entrei um ano antes de me formar e foi extraordinária a experiência. O Projeto era um grupo de pessoas que se reuniam para pensar, projetar e executar desenhos em

grandes paredes de quem conseguíssemos que nos aceitasse. O trabalho ganhou visibilidade pelas flores projetadas nas casas que iam se erguendo no bairro que antecedia a entrada da Universidade. Grandes flores foram nascendo nas paredes das casas. Paredes que eram até negligenciadas pelos moradores, se tornavam um grande jardim de concreto. Muito sol na cabeça, sobe e desce de escada, fome e sede, até assaltados nós fomos por dois adolescentes armados que foram logo pegos por policiais que passavam por ali e graças ao Danillo estar em cima da escada e o adolescente não o revistou e nem seu celular tocou na hora. Eles fugiram e o profe, então, usou o celular para ligar para a polícia. Tenso. Voltamos a casa para terminar a tal flor de batata que estávamos fazendo, rimos.





Junto ao Projeto Mural e, também, um ano antes de me formar, fazia parte de um outro projeto que atuava com professores das séries iniciais da prefeitura de Londrina. Essas professoras já davam aula de artes, porém, não tinham licenciatura para isto, o que fazíamos era proporcionar a elas momento de fazer artístico em cerâmica, fotografia, gravura e desenho com apreciações e contextualizações sobre a arte. Eram trocas muito saborosas pelas suas vivências e pela sede de aprender novas técnicas e atividades para serem realizadas com os alunos. Deste projeto, o Arte na Escola, juntamente com o

professor Renan fizemos muitas leituras sobre o aspecto humanístico do fazer arte o que contribuiu no meu interesse sobre arte educação. Gosto muito de trabalhar com a formação de professores. Gosto das trocas e de aprender quando me preparo para aula e quando os estudantes dizem seus pontos de vista.

E depois de um pouco mais de vinte anos de caminhada, me vi desestimulada, sem fé e com vontade de mudar. Iniciei o curso de cozinheiro em 2014 pelo Senac. Foi um ano de curso que me dava motivo para acordar cedo e continuar caminhando.

No Cozinheiro revivi momentos da minha infância com meu maravilhoso Tio Lima. Descobri as ciências para o pão da minha mãe ser tão bom e, o gosto de fazer algo que se goste mais uma vez. Minhas referências sobre a comida são muito carinhosas e sempre que cozinhei para alguém foi para mostrá-la o quanto a queria/quero bem. Um ano depois vim a conhecer Babette personagem do filme “ A festa de Babette” que meu professor Valdo indicou que assistisse e que me estimulou muito a pensar que podemos amar as pessoas por meio do ato de cozinhar. Mas até chegar a Babette e o professor Valdo, preciso antes falar do curso de pós-graduação que me candidatei, passei, estou fazendo e é motivo desta monografia.

Quando iniciou o curso em Questão Social pela UFPR – Litoral, iniciou também a greve dos professores estaduais do Paraná. Eu que nunca havia participado de uma greve desde ter entrado para o Quadro Próprio de Magistério em escolas estaduais no ano de 2007, no Litoral do Paraná e morando em Matinhos, me empenhei em chamar os colegas da profissão para as manifestações e passeatas pela cidade, para juntos lutarmos por uma injustiça que o governador do Paraná, em 2015, quis acometer todos os professores para que fosse sanadas dívidas de seu governo para com os próprios professores e funcionários judiciário (por enquanto é o que sabemos).

Fazíamos cartazes, pedíamos ajuda para a população, para o prefeito e vereadores. Foram três meses de incertezas, de desalento e de humilhação.

No dia que fui dormir no acampamento na praça Nossa Senhora de Salete no centro cívico de Curitiba, pude provar do sabor amargo e triste de

uma política elitista e bárbara como é a política de direita. Eram muitas barracas, muitas barracas que ficavam envolta do Q. G. do Sindicato dos Professores e era uma energia de luta ao mesmo tempo que contrastava com o silêncio de preocupação que só era quebrado pelos gritos de “vendido” ou de “canalha” seguido por vaias nossas quando avistavam um ou outro deputado no estacionamento, rodeado por seguranças. Foram dias que percebi que eu estava desacreditada e que não iria suportar. Queria estar em sala de aula e não acreditava que o governador do Estado poderia ser tão prejudicial. As aulas da pós me ajudaram a caminhar nesse momento e especialmente com as aulas da Professora Lenir que, me deram forças e direção na luta.

Quando, nas aulas dos pós, a professora Lenir nos contava de sua vida pessoal de luta estimulada pela força de seu pai e o desejo de ser livre, me trazia ânimo e as trocas que tínhamos com a liberdade de poder ser ouvida e conduzida tornava a caminhada menos dolorida. Além dos textos, como o de Celso dos S. Vasconcelos sobre a Metodologia em Sala de Aula que, com a leitura deste texto, me revi em minhas séries iniciais até o magistério, principalmente nas aulas de matemática, quando Vasconcellos pontua sobre a aula expositiva:

“... ou seja, de modo geral, o professor não está interessado na dúvida, a tendência é o professor atribuí-la a problemas do aluno, quando não sentir-se ofendido em sua capacidade de explicar. Se explica novamente, o faz da mesma forma, apenas repetindo.”

Em meio aos estudos sobre a Metodologia Dialética em Sala de Aula para a mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento, lembro-me de uma das aulas eu ter falado sobre a dificuldade que era de ficar na espera pelo término da greve, ou seja, que o governador não retirasse nosso direito, direitos conquistados e do quanto era agonia só. Professora Lenir falou para que eu procurasse os meus pares, as pessoas que pensavam como eu, assim seria forte e compartilharíamos das nossas angústias e não iríamos nos sentir sozinhos. Isso foi como uma lâmpada que se acende num cômodo à noite e foi o que resolveu minhas angústias durante o período de greve. Sabia

que eu não era a única sentindo ansiedade, humilhação e que iríamos lutar juntos. Agradeço muitíssimo a Professora Lenir por todas as ajudas como ser humano e como profissional, porém, quando houve o massacre dos professores no dia 29 de abril de 2015 todas as minhas forças se esvaíram.

Olhava pela televisão tudo aquilo acontecendo e chorava muito. Vários telefonemas de pessoas queridas para saberem se eu estava bem e acabavam chorando comigo por tudo que viam na televisão. Eu me culpava por não estar lá, mas no outro dia com os relatos dos amigos que estavam naquele massacre, sei que para mim foi melhor ter ficado. Pelo medo que passaram por ter os helicópteros tão perto de suas cabeças no acampamento, pelos barulhos das bombas e os cheiros, pelos gritos de desesperos e pedidos de ajuda relatados, no outro dia, sei que em casa, sozinha, poderia enlouquecer se estivesse estado lá no dia do massacre.

As aulas nas escolas estaduais voltaram, ou melhor, iniciou-se o ano letivo de 2015. Saímos da greve unidos, humilhados, porém unidos e com a nítida impressão do vilão que está no governo do nosso Estado e toda a sociedade era solidário conosco, porém nossa pressão não fez o governador recuar. Restava juntar os cacos e ir para sala de aula.

Dessa experiência voltei para a sala de aula muito triste e com raiva provocada pela situação e essa raiva toda se refletiu em minhas aulas e isso não foi nada bom nem para mim nem para os estudantes que estava por perto de mim e não tinham escolhas.

Lembro-me de ter sido uma pessoa muito amarga em sala de aula. Não sorria, não plantava a curiosidade. Colhia o olhar de medo e de insegurança nos estudantes. Tive que me afastar um pouco da pós-graduação por causa das reposições das aulas não realizadas por ocasião da greve e esse foi um golpe bem difícil de absorver. Sinto que as aulas de sábado da pós me traziam alento, confiança, esperança. Saia das aulas de sábado na UFPR – Litoral, animada e fortalecida para semana que vinha, quando estávamos em greve. Me ausentar das aulas certamente me trouxe um grão a mais de insatisfação profissional e pessoal até que, certa tarde, na última aula desta tarde, na sala de aulas do 5º ano do fundamental, no Colégio Gabriel de Lara, centro de Matinhos, me peguei com dificuldades de respirar. Me lembrei da natação e fui

praticando aquela respiração calma e profunda e o mal-estar passou sem que ninguém percebesse. Minha preocupação era de proteger aqueles pequenos e pequenas por isso respirava e logo os batimentos cardíacos voltaram ao normal. Isso foi se repetindo mais algumas vezes, somente nesta escola no ano de 2015 e sempre que eu conseguia, vez ou outra, corria até a UFPR. Às vezes quase na saída da turma para o almoço, outras vezes quase no término do dia de aula e lógico, arrasada por aquilo que havia perdido.

Eu conversava com algumas colegas de trabalho que me aconselhavam a procurar ajuda, mas eu gostaria de não precisar tomar remédios e tentava não olhar muito para esse problema por que só queria ver o fim do ano chegar, afinal foram quase de 60 dias para repor aulas aos sábados, feriados, férias e recessos. Muito cansativo e sem inspiração para alguma aula motivante, ou alegre, ou feliz.

Tentei ajuda no final deste ano. Remédio de difícil adaptação. Algumas crises no meio das aulas das manhãs. Conversei com meus alunos e alunas sobre o que estava sentindo e pedi a compreensão deles principalmente com relação à intensidade da voz que cada um usava para conversar.

Em 2016, a última crise de pânico, no meio da manhã, justamente na sala dos “terríveis”. Todos os professores reclamavam do 8º C pela indisciplina. Eu até briguei um pouco com a turma no início do ano letivo, mas por causa desta última crise eu chorei em sala. Disse a eles que eu estava em tratamento porque não estava conseguindo ser a pessoa que eu era e também não estava mais feliz fazendo a coisa que mais amo fazer na minha vida que é dar aulas de artes para adolescentes. Que eles e elas tivessem paciência comigo, que iria passar, que o tratamento estava fazendo efeito e que eu iria trazer a mesa até a porta para que a sensação de claustrofobia passasse. João é o garoto mais alto da turma, mais alto que eu, com um jeito de molecão, sorriso fácil e atentado, me olhava com o olhar de maior ternura que já pude experimentar na minha vida profissional. Assim que fui em direção a mesa para trazê-la até a porta, ele saltou para frente e pegou um lado da mesa para me ajudar. Senti que fui abraçada naquele momento por ele por todos e todas da turma. Amo o 8º C e, vira e mexe lá vai o João acompanhado por um professor para a sala da coordenação. Acho que ele não mostra seu lado doce para mais ninguém

da sala e tenho tentado trabalhar isso com ele e com toda a turma.

Em uma das minhas idas ao médico, conversávamos sobre a escola e sobre a vida, situação política triste brasileira, quando ele disse o que me ascendeu novamente, dentro de mim, naquele cômodo escuro: *“A escola não dá mais espaço para que os estudantes possam criar, daí ela tem ficado chata.”*

Essa conversa ainda reverbera dentro de mim e em todas as minhas aulas eu planejo a criação, de objetos malucos, de embalagens para esses objetos, das propagandas em vídeo tendo os estudantes como protagonistas. Tenho conseguido me aproximar de todos e todas, tenho falado mais baixo, tenho tido mais carinho nas minhas atitudes. Tenho pensado em fazer das minhas aulas um momento prazeroso de estar junto quer seja cantando, quer seja conversando, quer seja pesquisando com livros ou na internet. O remédio tem me ajudado a redescobrir quem eu sou de fato e este trabalho de monografia tem ajudado a lembrar que sou eu e as escolhas que fiz, escolhas que tentei fugir em ocasião do curso de cozinheiro, mas algumas aulas na pós me cutucavam para olhar de novo para educação. Era a minha forma de dizer que não estava feliz como naquela foto 2 com cara de emburrada, fechada até que algumas aulas me faziam olhar para a educação.

Nas minhas raras idas para a UFPR assistir as aulas da pós, aos sábados, tive alegria de estar lá certo sábado que um homem com cara de poucos amigos era quem ficaria o dia todo conosco. Como já disse antes e com a minha experiência com caras brabas minha percepção não me enganou: os caras brabas são os melhores.

Começou a aula falando pouco e pausado, nos sentindo. Lá pelas tantas da manhã nos lascou uma indagação de que, será que éramos realmente um coletivo?

Nesses tantos anos de sala de aula como aluna, como professora aprendendo sempre não havia PARADO para pensar e analisar isso. Como nunca pensei sobre isso? E a cortina do espetáculo foi se abrindo quando ele, o professor de cara braba ia se fazendo entender.

Foi muito gostosa a sensação de que não estávamos em uma sala de

aula e sim em uma autodescoberta e a descoberta do outro.

Nos deu um texto para ler e para pensarmos na morte e nos contou algo de sua vida. Eu pensei: esse cara braba está revelando algo íntimo seu para todos nós. Ele deve nos valorizar.

Conversamos longamente sobre a morte e todos puderam falar e ouvir aprendendo uns com os outros, mas ainda não éramos um coletivo e isso ainda me intrigava.

Outros dias passaram outros textos vieram e nos fizeram aprender a escutar com Rubem Alves e a Escutatória, texto profundo de humanidade, mas antes, da escuta individual para que se possa escutar com valor a outra pessoa. A sensibilidade de Mia Couto foi apresentada por meio de um texto que esse profe. de cara braba nos trouxe, Da cegueira coletiva à aprendizagem da insensibilidade, daí chorei. O texto de Mia Couto trazia a história de um professor da escola primária que o comoveu com a ação de ler um texto seu para toda a sala, que falava sobre sua própria vida e como a vida de sua mãe era enaltecida pelo professor. Quando, mais para frente no texto cita Mandela, o cara da minha vida, nó na garganta mais uma vez e, mais uma vez fiquei a pensar naquele homem preso em uma sela, com seus próprios pensamentos, angústias, medos. Temendo por sua família, por seus amigos, privado do contato com tudo e todos. Acho de uma força avassaladora a forma com que se manteve lúcido e ainda esperançoso e aqui não sei como faço para que essa frase se mostre gritando dentro de mim para quem está lendo. Que força é essa que manteve Mandela esperançoso principalmente com relação a direitos políticos. Preciso voltar a ler mais Mandela.

Esses anos de desgoverno com Alberto Richa tem me feito achar que não há esperança e que não tenho subsídios internos para aguentar ver o povo sofrer, perceber que nossos direitos são retirados para “salvar o Brasil “ e esses direitos são retirados por aqueles que são servidos com garçons em suas assembleias e que nada é retirado daqueles que mais têm. Quero acreditar que não dá mais para nos colocar dentro de uma caixa e nos deixar lá, tampadinhos para que não falemos nada e não sejamos escutados.

Enfim, acredito que todo esse estudo não acaba aqui mesmo porque a

minha vida ainda não acabou, espero ter forças para continuar acreditando e sendo feliz assim como o homem de cara braba me fez sentir, me cutucando para a vida, para os meus e o coletivo. Quero me encher de esperança para acreditar que essa luta desigual de existir ela é muito melhor se for no meio dos meus e minhas pequenos e pequenas ou dos grandões e grandonas que eu escolhi dedicar a minha vida. Sinto falta de vocês neste momento de greve.

Conclusão

Pode parecer utopia acreditar em educação para formação de pessoas felizes, em tempos de globalização, capitalismo e individualismo, mas, acredito que isso seja o certo a fazer. Minha trajetória me permite dizer que é possível uma educação para pessoas que queiram o bem a si, aos outros e ao local que vive.

Até aqui caminhei meio que cambaleando devido aos solavancos da estrada mas, tenho certeza que nasci professora e apesar das tristezas da profissão, por ser mal remunerada, pela falta de investimentos nos profissionais e numa escola com mais recursos físicos como livros ou mesmo bibliotecas adequadas, sou feliz por lidar com gente, por ser ponte para escolhas melhores aos meninos e meninas que passam pela minha presença. Espero deixar marcas boas, mesmo nem sempre, estando de bem com a vida.

Minha forma de respeitar hierarquias, por meio da educação dos meus pais a mim, me fazia e ainda faz ter receio de me aproximar de meus professores, mestres e doutores, sei que somos todos “gentes” independente dos títulos e tenho tentado ressignificar isso em mim.

Referências Bibliográficas

TCC: Samira Padilha Xavier. HOMENAGEM A BANHISTA DE REMBRANDT – desenhos aquosos. 2005

Texto: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE LEITORES, COM CAMADAS POPULARES, ATRAVÉS DE RODAS DE LEITURA

Texto: Metodologia Dialética em sala de aula - Celso Vasconcellos

Texto: Escutatória – Rubem Alves

Filme: A festa de Babeto

<https://www.youtube.com/watch?v=0Zo0Ff7kS-I>

<http://itaporangapb.blogspot.com.br/2014/11/mais-dis-achados-do-poeta-pompilio-diniz.htm> acessado em 06/06/2016, 11h06.